

# Juventudes e Trabalho: aproximações e diferenças da concepção de trabalho nos diferentes contextos juvenis

*Youth and Work: approaches  
and differences in the concepts  
of the theme work with young  
people from different contexts*

**Teresa Cristina Carreiro, Bruna De Oliveira Santos Pinto, Carla  
Gomes De Carvalho, Luciana Da Silva Rodriguez, Vanessa  
Borges Alves, Walery Leite Estevinho**

**Teresa Cristina  
Carreiro**

**Universidade Federal  
Fluminense**

Professora do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora 1B do CNPq, Mestrado em Psicologia Clínica pela FGV e Doutorado em Psicologia Social Clínica pela Universidade de Paris 7, Pós-doutorado em Sociologia Clínica pela Universidade Denis Diderot, Paris.

[tecar2@uol.com.br](mailto:tecar2@uol.com.br)

**Bruna De Oliveira  
Santos Pinto**

**Universidade Federal  
Fluminense**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2005), e em Letras pela Universidade Iguazu (2007), Especialização em Saúde Pública pela FIOCRUZ - RJ (2008) e Mestrado em Psicologia na linha de pesquisa Clínica, Política e Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense (2010). Atualmente doutoranda em Psicologia na linha de pesquisa Clínica, Política e Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense (2011).

[bsp82@gmail.com](mailto:bsp82@gmail.com)

## Resumo

Este artigo objetiva analisar as aproximações e os afastamentos nas concepções da temática trabalho junto a jovens de estratos sociais diferentes. Pesquisaram-se discursos destes sobre o tema, em três localidades distintas: Acari, Queimados e Nova Iguaçu, todas situadas no estado do Rio de Janeiro. Nos três lugares desenvolveram-se encontros grupais com jovens na faixa etária de 13 a 18 anos que fomentaram reflexões sobre as representações sociais quanto à temática trabalho e a construção de projetos futuros atentando-se às influências familiares, de pares e educacionais no tema investigado. Tendo como aporte teórico a Psicossociologia e como método de investigação a pesquisa-ação, as diferentes experiências nos levaram a pensar nas semelhanças e distinções existentes entre os jovens nas formas como concebem o trabalho.

## Palavras-chave

Juventudes; trabalho; contexto social.

## Abstract

*This article seeks to analyze the approaches and detachments in the concepts of the theme work with young people from different social strata. We researched these opinions on the subject in three different locations: Acari, Queimados and Nova Iguaçu, all located in state of Rio de Janeiro. In all three places we developed group meetings with young people aged 13 to 18 and fostered reflection on "work" and the development of future projects, paying attention to the educational, family and peer influences on the subject being*

*researched. With the theoretical approach to Social Psychology and as a method of investigation to action research, the different experiences have led us to think of the similarities and distinctions between young people in the ways they conceive the 'work'.*

#### Keywords

*Youth; work; social context.*

### **Carla Gomes De Carvalho**

#### **Universidade Federal Fluminense**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2010). Bolsista de Apoio Técnico a Pesquisa do CNPq – Nível 2A (2011).

**krlagomesc@gmail.com**

### **Luciana Da Silva Rodriguez**

#### **Universidade Federal Fluminense**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2006), Especialização em Clínica psicanalítica em instituição de Saúde Mental – IPUB/ UFRJ (2009). Atualmente mestranda em Psicologia na linha de pesquisa Clínica, Política e Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense (2011).

**lulu\_psico@hotmail.com**

### **Vanessa Borges Alves**

#### **Universidade Federal Fluminense**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2010). Bolsista de Apoio Técnico a Pesquisa do CNPq – Nível 2A (2011).

**vanessapsicuff@yahoo.com.br**

### **Walery Leite Estevinho**

#### **Universidade Federal Fluminense**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2006), Especialização em Clínica psicanalítica em instituição de Saúde Mental – IPUB/ UFRJ (2009). Atualmente mestranda em Psicologia na linha de pesquisa Clínica, Política e Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense (2011).

**waleryoliveira@yahoo.com.br**

## Introdução

Propomos neste artigo analisar as aproximações e afastamentos nas concepções sobre o trabalho junto a jovens de contextos sociais distintos. E para tal, tomaremos as experiências de duas pesquisas realizadas no Rio de Janeiro: uma em Acari, que englobava jovens moradores de uma localidade onde o tráfico de drogas se fazia presente; e outra, realizada em duas cidades da Baixada Fluminense. Nesta havia dois grupos de jovens: aqueles que pertenciam à classe média, onde o grupo de trabalho foi realizado em uma escola pública de Queimados e aqueles que pertenciam à classe média e média alta, de uma escola particular em Nova Iguaçu. Em ambas, grupos de discussão foram formados com os jovens, onde o tema principal era trabalho. Todo o processo grupal foi filmado, e o vídeo teve um lugar para além do registro, servindo muitas vezes como um disparador de discussões.

Interessa-nos discutir observações levantadas durante nossa atuação nestas duas pesquisas. Observamos em ambas a emergência de temas associados ao conjunto das mudanças sofridas nas relações de trabalho ao longo dos anos. A insegurança imposta por um contexto onde as relações de trabalho são frágeis e excessivamente flexíveis tem impacto na subjetividade, provoca angústia e torna a escolha profissional uma realidade cada vez mais precoce para os jovens.

Inicialmente, estabelecemos neste artigo uma primeira sessão, que contextualiza as principais questões de trabalho na atualidade. Na sequência, há a descrição das pesquisas e logo, uma análise das questões levantadas no trabalho. Por último, conta-se com a conclusão.

## I. Trabalho: objeto histórico e prática social

O trabalho, enquanto um objeto histórico e complexo, tomou ao longo da trajetória humana diversos contornos e concepções. Trata-se de uma prática social e por isso recebe atribuições que estão intimamente relacionadas às configurações sociais e econômicas em que está inserida.

No Brasil foi através da Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT – na década de 40 que se instituíram em lei garantias importantíssimas aos trabalhadores de carteira assinada. Essa é uma ressalva importante, já que é a carteira de trabalho que estavam associados todos os benefícios de seguridade social. No entanto, desde esse período, estas leis sofreram mudanças, adequações e atualizações. A Constituição de 1988 tentou instituir princípios que universalizariam as proteções próprias à sociedade salarial e ao Estado Social (NARDI, 2003). De qualquer forma, o modelo de 1988 foi desmantelado pelas políticas sociais neoliberais que o sucederam. Houve rupturas de barreiras protecionistas e privatização acelerada de ativos públicos. Nesse cenário, a desregulamentação do trabalho foi lançada como uma necessidade, alterando significativamente a legislação trabalhista, justificada oficialmente como uma forma de valorizar a produtividade e introduzir as empresas brasileiras na competição econômica internacional com o objetivo de dinamizar a economia nacional (FREITAS; MACHADO, 1999). Frente a essas modificações nas últimas décadas, viu-se crescer a deterioração das condições de trabalho e o aumento do desemprego. Nessas condições, alguns autores (GORZ, 1985; OFFE, 1989) passaram a discutir a fragilidade do trabalho como categoria central de análise da sociedade. No entanto, o trabalho informal, os biscoites e os trabalhos temporários à medida que ganham terreno afirmam justamente o contrário: eles existem sim, ganham cada vez mais espaço na mídia, crescem como objeto de estudo na academia e têm consequências na subjetividade dos indivíduos.

A fragilização dos vínculos estáveis do trabalho traz consigo uma conjuntura de incerteza, a perda da esperança, do sonho de ascensão e de progresso social. O trabalho, para grande parte da população brasileira, limita-se aos ganhos necessários para a sobrevivência imediata. As altas taxas de desemprego têm como efeito a queda generalizada dos rendimentos e do poder aquisitivo das famílias. Uma vez que uma pessoa tenha sido expulsa do mercado formal de empregos, a sua possibilidade de reinserção fica dificultada. O aumento nas exigências de qualificação e extrema flexibilidade e polivalência são fatores que complexificam a inserção e reinserção no mundo do trabalho.

Há um movimento geral no mundo laboral que atravessa o conjunto da sociedade, tendo consequências nas subjetivações atuais. Excluem-se aqueles que não estão aptos a combater, os velhos que perderam a agilidade, os jovens que são considerados mal preparados (DEJOURS, 2001). Vive-se sob a angústia do inesperado devido à imprevisibilidade que acomete a vida cotidiana laboral. A certeza e segurança, típicas da modernidade (FREUD, 1988 [1930]), dão lugar para a “sensação flutuante de ser” (BAUMAN, 1998, p. 32). As exigências atuais se depositam na habilidade de se mover e evitar a fixidez, sendo a figura do turista (BAUMAN, 1998) uma metáfora pós-moderna, reforçada socialmente. No campo laboral, esta metáfora demanda uma qualificação sempre maior, ao mesmo tempo em que intima o trabalhador a ser polivalente e flexível, apto a se adaptar a mudanças rápidas. Configura-se uma nova subjetivação, que acarreta mal-estar, pois as pessoas têm a obrigação de se superar continuamente, o que as leva a se sentirem insuficientes (EHRENBERG, 1998, p. 200).

Todas essas modificações implicam em novas formas de organização social, diferentes daquelas da era moderna, quando a sociedade se organizava através do emprego e do salário (CASTEL, 1998, p. 25). A condição de assalariado e os suportes sociais que a ela se vinculavam permitiram a produção do indivíduo positivo<sup>1</sup> (CASTEL; HAROCHE, 2002, p. 48), cuja existência era assegurada pela propriedade social. Nesse contexto podia-se planejar um futuro em longo prazo.

A temática trabalho, portanto, tem preocupado e inquietado o conjunto da sociedade (CARRETEIRO, 2009). Os diferentes grupos sociais se confrontam com este problema a partir dos suportes sociais que lhes são disponíveis. É notório também que a juventude compreende uma faixa etária extremamente sensível a essas questões. É o momento de planejar o futuro, se inserir no mercado, investir em qualificação, enfim, período de angústia.

Aqui, as referências teóricas de Castel e Haroche (2002) são oportunas para examinar o peso destes componentes sociais. Pode-se pensar em duas formas contemporâneas de indivíduo: o “indivíduo por falta” e o “indivíduo por excesso”. Este possui suficientes suportes objetivos (econômicos e sociais) que lhe permite desenvolver estratégias com maior grau de independência. Já o “indivíduo por falta”, devido às condições objetivas, necessita recorrer a situações de maior dependência.

Os mercados de trabalho demandam hoje profissionais que tenham competências precisas, mas que sejam também flexíveis, que saibam se adaptar a novas situações adquirindo sempre novas competências. Criam-se regularmente formações técnicas e universitárias e o mercado passa a demandá-las (DEMO, 1999). A juventude que ingressa no campo profissional se encontra hoje em face de um quadro bastante diversificado de exigências.

A obrigação de qualificação crescente faz com que certos jovens tenham que viver em subempregos durante toda a vida, impossibilitados de alcançar as novas qualificações exigidas. Outros se lançam na busca de formações diversas para fazer face ao contexto. É neste quadro geral que as juventudes forjam seu imaginário e projetos. Neste contexto, podemos destacar dimensões que influenciam os jovens nesta elaboração de projetos: as instituições família e escola.

## 1

Essa forma de organização se consolidou apenas na Europa do pós-guerra, pela via da construção do Estado Social. Isso significa dizer que os indivíduos se apropriam de suas próprias vidas na medida em que se encontram relativamente protegidos pelas instituições do Estado Social.

Ambas possuem importantes papéis na construção dos ideais de trabalho (CARRETEIRO, 2010). Tanto os jovens que vivem nos contextos de maiores privações econômicas quanto os mais abastados desenvolvem estratégias diversas, levando em conta os suportes sociais a que têm acesso e a margem de manobra que dispõem.

No próximo item descreveremos as duas pesquisas realizadas e os diferentes cenários de atuação – Acari (ALVITO, 2001; ALVITO; ZALUAR, 1998), Queimados e Nova Iguaçu.

## II. Métodos e descrição das pesquisas

Como foi visto no início do artigo, os dados utilizados neste texto são provenientes de duas pesquisas já concluídas, cujo aporte teórico que lhes dá suporte é a Psicossociologia. A metodologia é qualitativa, e foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 1985). O vídeo foi utilizado como registro e como dispositivo de intervenção no grupo.

As três localidades em que investigamos a problemática trabalho possuem suas especificidades e com isso, a temática sensibiliza os jovens de maneiras distintas. Vejamos as pesquisas separadamente:

### a. “Drogas, Juventude e Complexidade”

Esta pesquisa foi realizada em Acari, bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro em duas ONGs locais. Os objetivos principais eram o de investigar a influência do fenômeno “tráfico de drogas” no tecido social juvenil em comunidades desfavorecidas, criar metodologias de pesquisa-ação que se apoiassem na narrativa e em recursos audiovisuais e editar vídeos que funcionassem como dispositivos de intervenção junto a jovens, agentes institucionais de ONGs locais e pais/responsáveis.

Verificamos que a participação de alguns jovens na rede de tráfico se apresentava como uma opção de trabalho<sup>2</sup> de remuneração alta, se comparada a outras, auxiliando na renda familiar ou financiando outros interesses. Foi se delineando aos poucos uma demanda local para discussões sobre a temática trabalho, já que os coordenadores das ONGs e os pais acreditavam que investindo na discussão do tema, evitar-se-ia a inserção destes jovens no tráfico de drogas. Esse contexto propiciava que, desde cedo, estivessem sensíveis à temática pesquisada.

Em um primeiro momento pesquisamos não só as representações dos jovens, mas a de seus pais e a dos agentes educacionais das duas ONGs<sup>3</sup>, das quais participavam os adolescentes (13-17 anos) integrantes da pesquisa. Inicialmente, criamos um dispositivo de pesquisa grupal que denominamos “Fórum de discussão sobre trabalho” cujo propósito era criar um campo de interlocução entre os três segmentos sobre a temática, mapeando as principais categorias discutidas e seus significados. Todo o processo grupal foi filmado, transcrito e submetido à análise de conteúdo (BARDIN, 1985).

Num segundo momento, a pesquisa foi realizada unicamente com os jovens. Propusemos durante o tempo de atuação na localidade quatro grupos de reflexão, que durante um tempo foi chamado de “oficinas de vídeo: Juventudes e Trabalho”. Cada oficina contava com 16 encontros semanais e 12 jovens participantes, de idades entre 13 e 17 anos. Sua participação foi autorizada por seus pais/responsáveis mediante assinatura de termo de esclarecimento e autorização de uso de imagem.

### 2

Seguindo Meda (2007, p.32), entendemos trabalho como toda a “atividade humana coordenada, remunerada, que tem uma contrapartida monetária”.

### 3

Estas instituições são centros de atendimento a crianças e adolescentes da localidade de Acari, vinculadas à Pastoral do Menor (entidades ligadas à Igreja Católica). Recebem recursos da FIA (Fundação da Infância e Adolescência) e doações de associados. Nelas são oferecidas reforço escolar, atividades socioeducativas e alimentação.

Nesses encontros, a temática trabalho era abordada num exercício de circulação da palavra, investigando as representações e os projetos futuros que esses jovens construía com as influências familiares, educacionais e de pares. Procuramos identificar com quais suportes podiam contar e como poderíamos auxiliá-los a ampliar seus horizontes. Nesses encontros utilizamos o vídeo como dispositivo de intervenção nos grupos e no fim dos processos foram editados três vídeos.

Mais tarde esses vídeos foram reapresentados aos jovens, seus responsáveis e os profissionais das instituições. Procuramos incluir os pais/responsáveis dos jovens e os profissionais da instituição através de encontros para a exibição dos vídeos que foram seguidos de discussões. Esses momentos permitiram a reflexão das questões do trabalho em diferentes níveis de expressão: individual, familiar e institucional, bem como o acesso às representações de trabalho para o conjunto das categorias presentes.

Os vídeos possibilitaram que os adolescentes pudessem discutir sobre a temática trabalho de um modo que não lhes é habitual, interessando-se pelo cotidiano de profissões e ainda pelo processo que os mesmos tiveram para alcançá-las. Os jovens com quem trabalhamos consideraram o trabalho muito produtivo. A atividade criou uma ruptura com a forma de pensar a temática.

### **b. “Juventudes e Trabalho”**

O objetivo desta pesquisa era analisar o discurso de jovens que vivem em contextos sócio-econômicos distintos no que concerne à construção de suas ideias e ideais sobre trabalho, observando as influências e valores recebidos da família, dos colegas e da escola. Procuramos destacar as semelhanças e diferenças nas construções dessas concepções.

A primeira etapa consistiu na realização de dois grupos reflexivos na Escola Estadual Prefeito Luís Guimarães, no município de Queimados. Esta escola é a maior escola de ensino público local e cada grupo contou com 12 participantes, com idade entre 16 e 18 anos, de classe média baixa, que cursavam o 3º ano do Ensino Médio. A construção grupal atentou para a paridade de gêneros e avaliou o nível sócio-econômico, através da aplicação de um questionário.

A segunda foi realizada no Instituto Iguazuano de Ensino, localizado em Nova Iguaçu, escola particular voltada para a classe média e média alta deste município. O colégio escolhido representa um referencial educacional com características reconhecidas socialmente como *ensino de qualidade*<sup>4</sup>. Nesta instituição foi realizado um grupo reflexivo com 12 participantes com idades entre 15 e 18 anos em equidade de gênero e nível sócio-econômico avaliado por questionário.

Todos os encontros foram filmados, registrando todos os momentos de discussão grupal e facilitando, dessa forma, o apontamento de determinados discursos que a memória não apreenderia. O vídeo se preocupou em enfatizar as palavras, na contramão do fascínio pelas imagens e pela estética que o contemporâneo impõe a sociedade (JOBIM E SOUZA, 2000). Foram produzidos e editados vídeos em cada um dos dois contextos, que funcionaram como “objeto-memória-grupal”. Ao final dos grupos nas duas instituições um terceiro vídeo foi editado. Neste propôs-se uma comparação entre os grupos, enfatizando semelhanças e diferenças entre eles. A participação de todos os jovens e o uso de imagem foi autorizada mediante assinatura de termo de consentimento esclarecido por seus pais/responsáveis no caso daqueles menores de idade.

## **4**

Grifo referente a algumas falas apresentadas durante o trabalho com esse grupo.

### III. Discussão: duas pesquisas, três localidades – diferentes juventudes

#### a. Acari – “Cabeça vazia, oficina do diabo?”

Como foi apontado anteriormente, o tráfico de drogas ocupa um grande espaço no bairro em Acari e representa figura de atração e repulsão para os jovens e suas famílias. Ao mesmo tempo em que oferece reconhecimento, status, e dinheiro rápido, ele também é temido pelo perigo e pela negatividade dos valores morais a ele associados. Os jovens ingressam lentamente nesta atividade. No início, participam de pequenos serviços e à medida que vão tendo desempenho satisfatório aos olhos dos chefes, passam a assumir funções de maior responsabilidade (RAFAEL, 1998, p. 25).

Somado ao fato do tráfico movimentar a economia local e se mostrar como um meio de obter recursos financeiros, que muitas vezes supera e muito os ganhos de um trabalhador assalariado, os jovens de Acari enfrentam enormes dificuldades de ingressar no mercado de trabalho formal, por não terem, muitas vezes, qualificação necessária, e também por serem objetos de estigmas<sup>5</sup> (GOFFMAN, 1985) por morarem em comunidades.

Frente a esse risco e dificuldades, muitos pais reforçam valores de honestidade, responsabilidade e dignidade como forma de evitar uma carreira marginal dos filhos. Por diversas vezes sentem-se com poucos recursos (capitais econômicos, culturais e sociais) para fazer frente a essa situação e se apoiam na transmissão desses valores principalmente reforçando o trabalho lícito.

Os perigos que inquietam os pais também estão presentes, de forma implícita, no discurso juvenil, através de expressões metafóricas como “fazer o que não deve”; “coisa que não é direito”, “ficar sem fazer nada”. Eles se apropriam dos valores morais, transmitidos pelos pais, para se afastar do tráfico. As instituições locais, entre elas algumas ONGs, têm igualmente por propósito criar formas de distanciar os jovens de supostas ações ilícitas e para isso apostam na ocupação do tempo livre oferecendo-lhes projetos esportivos, culturais e profissionalizantes. Estes são considerados moralmente positivos e evitariam que o jovem fosse fagocitado pelo narcotráfico. Era comum na localidade ouvir o ditado popular: “Cabeça vazia, oficina do diabo”.

Os jovens, em sua maioria, relatam desenvolver pouco diálogo com os pais, familiares, pares e agentes institucionais sobre esta temática. Esta quando é objeto de diálogo aparece como uma tarefa que deve ser executada, uma obrigação a ser cumprida. Foi muito pequeno o número de adolescentes que nos relatou que os pais conversam sobre os seus próprios trabalhos. A maioria deles parece desconhecer as atividades que compõem o trabalho dos adultos com os quais convivem na esfera familiar.

Nota-se que nesse contexto a temporalidade imediata é bastante acentuada em detrimento das demais (futuro e passado). Pouco se fala sobre a construção de planos em longo prazo. As situações concretas de existência concorrem à edificação de ideais profissionais midiáticos, reforçando a visibilidade de carreiras meteóricas (cantor, modelo, dançarino, DJ, jogador de futebol). Esta temporalidade associa-se a aspectos presentes em toda sociedade, e principalmente na mídia, que exalta a “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1994) e forja um imaginário de velocidade na construção de profissões, haja vista o sucesso dos *reality shows*, onde os candidatos tem suas fantasias reforçadas pela conquista da fama e de uma carreira de ator. Sabemos que a música, a dança e os esportes, tão presentes no cotidiano brasileiro, constituem em determinadas localidades um dos únicos polos de projetos profissionais dos jovens.

## 5

Segundo Goffman (1985), a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas fazendo com que os ambientes sociais determinem quais indivíduos podem ser encontrados nos respectivos espaços.

As profissões relacionadas à formação universitária, que requerem projetos a médio e longo prazos, tais como médico e advogado dentre outras, são muitas vezes citadas pelos jovens como possíveis desejos profissionais, reforçadas no cotidiano, onde se apresentam de maneira insuficiente. A falta desses profissionais são motivadores de anseios de inserção nestes ofícios<sup>6</sup>. No entanto, há pouco empenho dos jovens em efetuarem estudos para alcançar profissões que necessitam de formação acadêmica prolongada. Podemos nos perguntar se, em grande parte das situações, o abandono destas escolhas não se vincula a ausência de suportes sociais, ou seja, capitais intelectuais e financeiros que restringem as oportunidades concretas. Além disso, o grupo mostrava desconhecimento do processo necessário para ter uma formação profissional. Desejavam ser jogadores de futebol, cantores, mas não levavam em conta a necessidade de se percorrer etapas para alcançar os ofícios.

No âmbito familiar a educação é muito valorizada. Ela representa a possibilidade de alcançar um trabalho futuro que proporcione maior reconhecimento e independência social e financeira. Este funciona como um dos suportes sociais de apoio (CASTEL, 1998), que é representado pelos jovens como um capital valorizado que permitirá sair da vulnerabilidade social.

A educação se apresenta sob duas formas: como elemento importante para o futuro profissional e opção frente ao tempo livre. As famílias costumam escolher a escola que possui a menor incidência de violência e cadastrá-los em atividades desenvolvidas nas ONGs locais. Há grande preocupação com a infraestrutura e qualidade de ensino. Elas a julgam ruins e o sentimento de insegurança envolve as famílias.

Os jovens herdam dos pais e da escola o legado de considerar o estudo como uma das principais heranças de inserção. No entanto, os pais, com poucos recursos financeiros, se sentem pouco capacitados para ajudar os filhos e buscam oferecer atividades educacionais diferentes que as formais. Dessa maneira, eles compensam essa situação insistindo nos valores morais como uma espécie de “capital de integridade”.

#### **b. Queimados – “Na casa do bom homem quem não trabalha não come!”**

O grupo pesquisado nesta localidade, devido à proximidade da maioria e do encerramento do ensino médio, estava bastante sensível à temática investigada. Estavam próximos do momento de escolher uma formação profissional ou de se preocupar com a necessidade de sobrevivência. Lapassade (1975) aponta que a entrada no mundo do trabalho representa uma das várias “entradas na vida” nas sociedades modernas como inserção no social. “Para a linguagem popular, aliás, a entrada na vida situa-se essencialmente naquele momento em que o indivíduo deixa a família, ou pelo menos se torna capaz de ganhar a sua própria vida” (LAPASSADE, 1975, p. 170).

Era recorrente no discurso juvenil o planejamento do trabalho a curto prazo. Estava embutida neste pensamento a necessidade de agregar valores à renda familiar. Os pais encorajavam os estudos como forma de alcançar um futuro promissor através de um trabalho lícito. Eles reconhecem que formações paralelas às curriculares (línguas, informática e outras) auxiliam muito na entrada no mercado laboral, mas sentem-se muitas vezes impossibilitados em oferecer estas formações, tanto pela falta de informações, quanto pelas restrições financeiras. Acabam por reforçar valores de dedicação, esforço pessoal, realização profissional, honestidade e dignidade para ajudar na formação profissional futura dos filhos. Os jovens sentem-se cobrados a ter um bom desempenho nos estudos e o tempo livre é objeto de vigilância e críticas. Eles mencionavam que a aproximação dos 18 anos faz com que se acirrem as discussões e as obrigações em torno do tema trabalho. Essa idade, associada à maioria legal incita a responsabilidade laboral e o “início” da vida adulta.

## **6**

A ausência de médicos no Hospital de Acari, por exemplo, era motivador para a vontade dos jovens de serem médicos. Percebemos que eles não sentiam essa ausência como parte de um contexto político, mas sim que esta se dava pela inexistência de profissionais para preencher as vagas neste estabelecimento. Da mesma forma, as situações sentidas como violentas e injustas no cotidiano provocavam o anseio por exercerem a função de advogados de defesa.

Estivemos atentos às construções discursivas dos jovens sobre o tema proposto. A forma como se referem ao trabalho, os valores que veiculam; as atividades que valorizam; aquelas que negligenciam; as preocupações que manifestam diante da angústia do momento de passagem que estão experimentando (final do ensino médio, simbolismo da entrada na vida adulta) eram questões vislumbradas nesses encontros.

Identificamos da mesma forma que na pesquisa anterior a ênfase a valores como dedicação, realização profissional associada a trabalho digno e lícito. E também a necessidade de trabalhos como modo de ter autonomia financeira. Esse grupo de jovens aborda a questão do reconhecimento pelo trabalho através do aspecto financeiro. A realização surge em segundo plano. Sabem que a aposta em um futuro melhor se dá pela via do trabalho, mas reconhecem que este impõe que você se apresente no mercado como “um diferencial”. A maioria não se sente munida, pois a experiência que têm não permite que possam fazer valer esse “diferencial”. O mercado de trabalho demanda hoje profissionais que tenham competências precisas, com qualificação sempre mais intensa (LARANGUEIRA, 1999) e o nível de instrução é um dos componentes indispensáveis da empregabilidade de jovens (SARRIERA; CÂMARA, 2001). O saber do que o mercado requer e, por outro lado, não se considerar apto para fazer face ao mesmo traz para grande parte dos jovens uma relação de impotência, pois não conseguem encontrar estratégias eficazes que conduzam a formas de inserção.

Evidenciou-se durante os encontros que o estudo ocupa um lugar muito importante na fala dos pais. É como se o estudo fosse um “bem” que os habilitassem a chegar a um futuro melhor, com maior independência social e financeira. A educação é transmitida como um importante elemento para o futuro profissional, possibilitando-os alcançar uma formação e alçar investimentos profissionais diferentes da dos pais.

Nesta pesquisa apesar da faixa etária dos jovens ser mais precisa do que na pesquisa anterior, ou seja, estarem cursando o ensino médio, pudemos confirmar as categorias apresentadas na pesquisa anterior. Eles percebem que os pais não se sentem munidos para lhes oferecer atividades extraescolares, como cursos de computação, de línguas estrangeiras e formações diversas. Por outro lado, os pais reforçam os valores morais como um patrimônio que eles devem manter, frutificar e transmitir às próximas gerações.

À medida que o final do ensino médio se aproxima aumenta a ideia sobre a perspectiva de trabalhos futuros. O imperativo de sobrevivência e a necessidade de responder à insegurança dos pais sobre seus futuros se fazem presente no cotidiano desses jovens.

A lógica consumista também se faz presente. O trabalho propicia a aquisição de bens de consumo não proporcionados pelos pais. O trabalho poderá, para os jovens, propiciar o consumo e auxiliar nas despesas familiares. O diálogo sobre a temática trabalho com a família é pouco frequente e tenso. Ele surge sob a forma de exigências: obrigação, sustento, não dependência dos outros e desenvolver valores morais como ter respeito; contribuir nas despesas familiares.

Quanto ao âmbito escolar, os jovens denunciavam o pouco suporte que era oferecido para pensar nas formações futuras. A consideram pouco atenta ao momento de passagem. Queixam-se da ausência de uma política efetiva e ampla que os oriente e esclareça dúvidas sobre o mercado de trabalho ou o ingresso na universidade e em cursos pós-médio. Eles fazem uma grande crítica à escola pública, afirmando que não oferece conhecimento e formação suficientes para a aprovação nos vestibulares das universidades ou em concursos públicos. Para contornar essa situação, procuram se inscrever nos raros cursos de pré-vestibular comunitários, onde nem sempre conseguem vagas.

Apesar dessa situação, reconhecem haver momentos esporádicos, (primeiro dia de aula, entrega de boletins, ou por “desordem de comportamento”) onde o estudo é colocado como necessário para o ingresso no mercado de trabalho e um futuro promissor. No entanto, os estudos universitários são raramente abordados no universo discursivo dos professores. As informações a este respeito são fixadas em murais.

Os jovens que almejam carreira universitária planejam alcançá-la posteriormente ao ingresso em um trabalho ao fim do ensino médio. Trata-se de um “trabalho-ponte”, ou seja, uma via de financiamento do projeto futuro.

Pode-se afirmar que o trabalho representa, além do aspecto financeiro, para estes jovens, obtenção de reconhecimento familiar e social. Para se destacar no campo laboral, eles desejam diferenciais e apostam em complementos escolares, que os tornem competitivos no mercado. Procuram se inteirar de projetos e políticas para a juventude oferecidas pelo governo<sup>7</sup> ou ONGs, visando adquirir novas competências.

Percebe-se, portanto, que muito se fala sobre trabalho no final do ensino médio. No entanto, esses jovens se sentem pouco acompanhados neste momento, o que gera angústia. Ressaltam as cobranças a desempenhos positivos e ao mesmo tempo, ausência de diálogo junto à família e à escola. Ditados populares como “na casa do bom homem quem não trabalha não come”, têm forte impacto como exigência de projeto futuro.

A pesquisa lhes permitiu o acolhimento de suas angústias. Os jovens puderam explicitar os modos que percebem o último ano do ensino médio e compartilhar experiências com os colegas. Além disso, o grupo criou um espaço de diálogo, onde se compartilhou dúvidas e informações sobre o universo laboral.

O registro videográfico e o trabalho metodológico sobre o mesmo, neste projeto ocupou um lugar extremamente importante no processo de pesquisa-ação. Através dele pudemos criar um espaço de participação ativa dos sujeitos na produção do material investigado. Assim, enquanto sujeitos ativos, esses jovens participaram intensamente da elaboração das categorias investigadas, apontando os sentidos que lhes imprimiam, construindo um processo de apropriação dos mesmos.

A metodologia, além de trabalhos com as categorias apresentadas possibilitaram que os jovens tivessem um olhar mais distanciado, mais realista sobre o momento de passagem que vivenciavam. Neste grupo, principalmente, os seus integrantes abandonaram as posições queixosas que reforçavam a escassez de dispositivos sociais e passaram a se ver como protagonistas de situações que levassem onde se apropriavam de legados familiares e escolares e buscarem formas ativas de viver a passagem do fim do ensino médio e do início da nova trajetória que se iniciava.

Ao longo do processo estivemos pautados na ideia de experiência tratada por Benjamin (1994). A experiência do vídeo é vivida e analisada num primeiro momento e, posteriormente, ela se transforma em matéria prima (sensível) a ser trabalhada na criação de vídeos, que garante uma memória e uma palavra comum ao grupo.

### c. Nova Iguaçu – “Existe vida após o vestibular?”

Assim como no contexto anterior, a faixa etária dos jovens foi um facilitador para essas discussões, tendo em vista que o momento vivenciado era envolto em angústias e medos. A pressão familiar era grande, as ideias de independência, a idade próxima de fazer escolhas profissionais; ingressar na universidade ou procurar um emprego rondava as ideias sobre trabalho. Em ambos os contextos, percebeu-se uma série de sentimentos e angústias por parte dos jovens.

## 7

Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE); Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem); Programa Universidade para Todos (ProUni)

No que concerne aos jovens do Colégio Iguaçano de Ensino, ficou evidente durante os grupos que os discursos sobre a temática trabalho refletiam forte preocupação com o estudo. O vestibular apresentava-se como o foco das atividades desenvolvidas por esses jovens, sendo afirmado e incentivado tanto pela família quanto pela escola. O ingresso numa universidade, preferencialmente pública, é incentivada por essas duas instituições. Normalmente, esse incentivo é vivido pelos jovens como cobrança. Há um acompanhamento das escolhas de faculdade a ser cursada e, por outro lado, aparece a necessidade de estudarem, já que o estudo e a aprovação no vestibular são colocados como único dever/obrigação desses jovens. O diálogo sobre o assunto normalmente ocorre quando se encontram em momentos de lazer, considerados ócio pelos pais e responsáveis. Essa ênfase nos estudos e o investimento em atividades extracurriculares e conseqüentemente redução do tempo de lazer dá indícios de uma organização constante do cotidiano, onde as famílias gerem a educação dos filhos (GAULEJAC, 2005) como um investimento que trará como retorno o sucesso em longo prazo.

Acompanhando o discurso destes últimos, é possível notar a preocupação com a competitividade do mercado de trabalho. A preferência pelo ingresso em uma universidade pública remete-se ao fato de entenderem-na como um ensino de maior qualidade contribuindo para um currículo mais competitivo para o mercado de trabalho.

No que toca às questões de gênero, os jovens apontam diferenças nas cobranças dos pais. Os homens geralmente são mais pressionados por serem “menos estudiosos” e terem como obrigação adquirir responsabilidades, afinal mais tarde serão provedores de suas famílias. Já as moças apontam a necessidade da mulher trabalhar pra ter autonomia financeira em relação ao futuro marido, concepção fortemente veiculada pelos pais de ambos os sexos.

A ideia de um trabalho concomitante aos estudos era acompanhada do desejo de autonomia financeira dos pais, forma de adquirir o que quisessem sem precisar pedir a eles. No entanto, o fato de seus pais serem os provedores de sua formação acadêmica, minimiza a preocupação com um trabalho imediato. Não há a necessidade de trabalharem durante os estudos na universidade. Mesmo o futuro estágio universitário é encarado como um prolongamento do aprendizado. Aqui não aparece a necessidade de remuneração. Esta seria um incentivo a mais, porém não se configuraria como essencial. Os jovens relatam diálogos com seus responsáveis sobre a possibilidade de trabalharem e estudarem concomitantemente. Esta possibilidade é destacada sob a alegação de que os filhos devem apenas ocupar-se dos estudos. Nessa direção, o trabalho seria posteriormente seqüência e consequência da vida acadêmica de qualidade.

Em relação à escola, sentem-se pouco apoiados neste 3º ano do Ensino Médio, período complexo para estes jovens no que diz respeito às escolhas futuras. Apesar de a escola oferecer uma série de ações buscando a aprovação no vestibular e alguns esclarecimentos sobre o vestibular e as universidades, afirmam que faltam informações sobre profissões e sentem-se perdidos diante das possibilidades de escolha. Os professores são vistos tanto como fontes de incentivo, quanto de pressão, já que frases do tipo “vamos estudar que o vestibular está aí!” e “acordem, o ano está acabando!” são frequentemente repetidas.

A pesquisa em grupo permitiu que esses jovens pudessem se sentir menos solitários em suas vivências, pois puderam compartilhar a proximidade de situações vivenciadas tanto no âmbito familiar quanto no escolar.

## Conclusão

Nas duas pesquisas, a temática trabalho e as representações associadas a ela estavam em jogo durante os encontros grupais. Foram destacadas as influências e transmissões da escola, da família e do grupo de pares para a construção das ideias, ideais e projetos desses jovens. Muito foi discutido e o espaço do grupo propiciou a circulação da palavra, além da possibilidade de poderem compartilhar angústias referentes a essa temática. Os jovens puderam se questionar sobre as transmissões recebidas, se apropriando de algumas e abandonando outras.

As atividades com o vídeo eram atrativas e constituíram uma memória coletiva, pois os jovens tiveram um trabalho concreto para realizar. Esta tarefa operou um outro tipo de elaboração em relação à problemática investigada, fornecendo uma distância, um novo olhar, uma nova discussão e apropriação dos conteúdos discutidos e analisados, tornando-se uma nova vivência.

Os grupos realizados em Queimados e Nova Iguaçu tinham enquanto diferencial dos grupos em Acari o fato dos participantes cursarem o 3º ano do Ensino Médio. Esse momento específico aproximava os jovens de escolhas, já que termina o ensino formal obrigatório. No entanto, essa diferença quanto a Acari não torna os jovens dessa localidade menos sensíveis à temática. Ao contrário, os mesmos pelas condições econômicas são incentivados a se iniciar no trabalho bastante cedo, compreendendo o mesmo enquanto um bem.

Para os três contextos, a força das transmissões ficaram bastante evidenciadas. Tanto a família quanto as instituições escolares são de extrema importância para a construção dos projetos desses jovens. Aos jovens de Acari reforçam valores morais e a ideia de um futuro melhor é depositado na educação, porém os jovens sentem-se desmunidos de informações e oportunidades. Procuram atividades que lhes forneçam remuneração para que financiem projetos futuros. Em Queimados, assim como em Acari, foi possível notar a mesma preocupação com os valores morais e o incentivo aos estudos, com a diferença que estes jovens apontavam para projetos de curto e médio prazo e a procura por cursos de pré-vestibular comunitários e programas governamentais de incentivo ao ensino universitário. Apostavam, assim como em Acari, num “trabalho como ponte” para financiar os estudos. Em Nova Iguaçu, o trabalho em curto prazo não é considerado. Há quase uma equivalência entre trabalho e estudo. O ensino universitário é decididamente o único caminho considerado, com frequentes complementos de cursos de capacitação.

Notou-se, nas falas dos jovens em todos os contextos, a grande preocupação da família e escola com o “tempo livre”. Para os jovens de Acari, ele é representado como possibilidade de desenvolver ou ampliar o contato com o tráfico de drogas e construir uma carreira marginal. Há a ideia de um imaginário de periculosidade na categoria juventude, compartilhada por grande parte dos educadores e familiares. Neste contexto, a ocupação do tempo livre juvenil é um modo de evitar o encontro com atividades ilícitas.

Em Queimados, o futuro imediato se apresentava como trabalho. O tempo livre deveria ser direcionado ao estudo ou a procura de empregos. Os jovens são exigidos a terem autonomia financeira ou a contribuir no orçamento familiar em médio prazo.

Para os alunos do colégio em Nova Iguaçu, essa questão é tratada em termos de estudo. Com êxito no vestibular, preferencialmente em faculdades públicas, a categoria trabalho é pensada em um futuro a longo prazo. O esforço empreendido pela instituição escolar e familiar destina-se

às capacitações necessárias, que deem condições, após o término da universidade, de se projetar no mercado de trabalho e fazer face à instabilidade que lhe é associada atualmente.

Percebe-se, pela análise desses contextos, que a categoria juventude é concebida socialmente de forma plural, e que embora em alguns momentos os jovens pesquisados se deparem com questões parecidas, tal como a do tempo livre, elaboram formas diferentes de lidar com as mesmas, alavancando diferentes projetos laborais, afinal tratam-se de condições existenciais heterogêneas.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 19/07/2011

**Aceito:** 16/10/2011

## Referências bibliográficas

ALVITO, M. **As cores de Acari: uma favela carioca**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ALVITO, M.; ZALUAR, A. (orgs.). **Um século de Favela**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1985.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMARA, S. C.; SARRIERA, J. C. Critérios para seleção para o trabalho de adolescentes - Jovens: perspectivas dos empregadores. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n.1, p. 77-84, jan./jun. 2001.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Adolescências e experimentações possíveis. In: COSTA, L. F.; MARRA, M. M. (orgs.). **Temas da clínica do adolescente e da família**. São Paulo: Summus Agora, 2010, p. 15-24.

\_\_\_\_\_. Pais e filhos adolescentes, construindo sentidos, ideais de trabalho e projetos profissionais. In: FERES, C. T. (org.). **Casal e família; permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p. 253-272.

CASTEL, R. **As Metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTEL, R.; HAROCHE, C. **Propriété privée, propriété sociale, propriété de soi**. Fayard, Paris: Fayard, 2002.

DEBORD, G. **La société du spectacle**. Paris: Gallimard, 1994.

DEJOURS, C. **A Banalização da injustiça social**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

DEMO, P. Educação profissional – mito e realidade. **Ser Social: Revista do Programa de Pós- Graduação em Política Social do Departamento de Serviço Social da UnB**, Brasília, n 5, p. 123–158, jul./dez. 1999.

ERENBERG, A. **La fatigue d' être soi**. Paris: Odile Jacob, 1998.

FREITAS, C. E. S.; MACHADO, M. S. Desregulamentação e precarização das relações formais do trabalho no Brasil dos anos 90. **Ser Social: Revista do Programa de Pós- Graduação em Política Social do Departamento de Serviço Social da UnB**, Brasília, n. 5, p.115-129, jul./dez. 1999.

FREUD, S. O mal estar na civilização (1930). In: \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. XXI, p. 67-148.

GAULEJAC, V. **La société malade de la gestion - idéologie gestionnaire pouvoir managérial et harcèlement social**. France: Éditions du Senil, 2005.

GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro: LTC, 1985.

GORZ, A. **Metamorfoses do Trabalho**. São Paulo: Annablume, 1985.

JOBIM E SOUZA, S. (org.). **Mosaico: Imagens do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

LAPASSADE, G. **A entrada na vida**. Lisboa: Edições 70, 1975.

LARANGEIRA, S. M. G. Realidade do trabalho ao final do século XX, **Ser Social: Revista do Programa de Pós- Graduação em Política Social do Departamento de Serviço Social da UnB**, Brasília, n. 5, p. 103-114, jul./dez. 1999.

MEDA, D. **Le Travail: une valeur en voie de disparition**. Paris: Aubier, 1995.

\_\_\_\_\_. **Le Travail**. Paris: PUF, 2007.

NARDI, H. C. A propriedade social como suporte da existência: a crise do individualismo moderno e os modos de subjetivação contemporâneos. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.15, n.1, p. 37-58, jan./jun. 2003.

OFFE, C. **Trabalho & Sociedade (Vol. I - A Crise): Trabalho e Sociedade. Problemas estruturais e Perspectivas para o Futuro da Sociedade do Trabalho**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

RAFAEL, A. **Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.